

nformativo



ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS DO BANCO DA AMAZÔNIA



aeba.org.br [aeba.org.br](https://www.aeba.org.br) [AEBA Associação](https://www.aeba.org.br) [@AEBA_Associacao](https://www.aeba.org.br) [Aeba Associação](https://www.aeba.org.br) aeba@aeba.org.br (91) 3242-1766/99240-9300 (91) 3242-1766/3241-5628

PRECISAMOS DE UMA GREVE NACIONAL

**FENABAN TRIPUDIA COM A CONTRAF-CUT E CONTEC-UGT E
A CATEGORIA JÁ MOSTROU QUE PODE GREVAR.**

**UM CHAMADO DA AEBAN À CONTRAF-CUT, A CONTEC-UGT, AO SINDICATO DOS BANCÁRIOS
DO PARÁ E A TODOS OS SINDICATOS DA BASE DO BANCO DA AMAZÔNIA.**

TRANSFORMAR A PARALISAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO. A ORGANIZAÇÃO EM PRESSÃO. A PRESSÃO EM GREVE.

SE A FENABAN NÃO CEDE, QUE A CATEGORIA DECIDA: DO DIA 20 À GREVE NACIONAL.

MESA ÚNICA NO BASA. NENHUM DIREITO A MENOS. NENHUMA PROPOSTA SEM ASSEMBLEIA.

11 MESAS! NENHUMA PROPOSTA DIGNA. A DATA-BASE EM CIMA DE NÓS.

A Campanha Nacional Unificada dos Bancários chegou nesta quarta-feira, 26 de agosto, à 11ª rodada de negociação com a Fenaban. Faltam poucos dias para 1º de setembro, quando vence a Convenção Coletiva de Trabalho e a categoria fica sem acordo. Depois de dois meses de mesa, o saldo é vexatório.

Na 10ª rodada, em 25 de agosto, os banqueiros ofereceram reajuste total de 2,57%, para salários, vale-refeição, vale-alimentação, auxílio-creche, auxílio home office e auxílio para pais de filhos com deficiência, acompanhado de congelamento da PLR e do piso de ingresso. Com o INPC estimado em 4,13% até a data-base, essa oferta representa 62% da inflação e perda real de 1,5% para toda a categoria. Um dos piores reajustes de 2026. O Comando Nacional rejeitou na mesa, e fez muito bem.

Não se trata de dificuldade financeira. Trata-se de escolha:

- **R\$ 1,2 trilhão** foi o patrimônio líquido do setor bancário em 2025;
- **R\$ 438 mil** é o lucro dos bancos por empregado — cada bancário produz isso;
- **R\$ 12,5 milhões** será a remuneração média anual dos altos executivos dos três maiores bancos privados em 2026, 120 vezes o que recebe um escriturário no ano inteiro;
- **88 mil postos de trabalho e 9,5 mil agências** foram fechados entre 2015 e 2025, enquanto os cinco maiores bancos ampliavam em 49% os contratos com correspondentes bancários;
- **40% das bancárias e dos bancários** usaram medicamentos controlados entre maio de 2025 e maio de 2026.

Dinheiro existe. O que falta não é recurso: é correlação de forças.

O DIA 20 PROVOU QUE A CATEGORIA PARA!

Em 17 de agosto, as assembleias em todo o país foram categóricas: 97% rejeitaram as propostas de reajuste por faixas salariais e de congelamento do piso, e 90% aprovaram a paralisação nacional de 24 horas.

No dia seguinte, na mesa de 18 de agosto, a Fenaban mostrou a que veio: tentou condicionar a continuidade das negociações à suspensão da paralisação já aprovada soberanamente pelas bases. O Comando Nacional recusou. E o dia 20 aconteceu — milhares de agências fechadas em todo o país, com repercussão na imprensa nacional, na maior mobilização da categoria em anos. Registre-se o que veio depois, porque é a lição central desta campanha: foi só após as assembleias e diante da paralisação anunciada que a Fenaban recuou das faixas salariais e do congelamento do piso de ingresso. Nada disso saiu da boa vontade dos banqueiros, da eloquência dos negociadores ou da paciência de quem esperou. Saiu do medo da agência fechada.

O QUE A MOBILIZAÇÃO ARRANCOU, A DESMOBILIZAÇÃO DEVOLVE.

Uma semana bastou para a prova dos nove. Passada a paralisação, sem novo calendário de luta, o congelamento do piso de ingresso voltou à mesa em 25 de agosto — agora acompanhado do congelamento da PLR. O que a categoria fez os bancos recuar paralisando, os bancos recolocaram assim que a categoria se desmobilizou.

É por isso que a paralisação de 24 horas não pode ser tratada como ponto de chegada. Ela é o início de um processo crescente de organização, ou não terá servido para nada. A mesa não pode ser o lugar onde os trabalhadores aguardam para descobrir quanto os bancos estão dispostos a conceder; ela tem que ser o lugar onde se converte em cláusula aquilo que a organização da base for capaz de arrancar.

E o relógio joga contra quem espera. Chegar à data-base sem acordo e sem greve organizada é chegar desarmado. Depois do dia 1º de setembro, quem não construiu força só terá a alternativa de assinar o que colocarem na sua frente.

NO BANCO DA AMAZÔNIA, A SITUAÇÃO É AINDA PIOR

Se na mesa nacional os banqueiros enrolam, no Banco da Amazônia a direção sequer simula. Não apresentou índice de reajuste, não apresentou alternativa social, não apresentou contraproposta econômica. Sentou-se à mesa para rejeitar as reivindicações econômicas e sociais das entidades e para empurrar a categoria contra o relógio da data-base.

Pior: negocia dividido, e essa divisão não é acidente. O banco mantém mesas separadas para o ACT 2026 e para o PCS, fragmentando pauta, tempo e interlocutores. A AEBA denuncia isso desde junho e sustenta a exigência de MESA ÚNICA — posição acompanhada pela Contec/UGT e pelo Sindicato dos Bancários do Maranhão. A Contraf-CUT, até agora, seguiu o arranjo do banco. É preciso dizer com todas as letras: quem aceita a mesa dividida entrega ao BASA a ferramenta com que ele nos derrota há anos.

E há o resultado do PCS, que a direção do banco preferiria esquecer. Dos 2.865 empregados elegíveis, 1.190 não aderiram. Só na carreira Bancária foram 947 recusas — quase metade da carreira que é 75% do quadro funcional. O banco foi obrigado a reabrir o prazo de adesão até 31 de agosto, confissão pública de que o plano não convenceu quem sustenta a operação. A AEBA levou o caso à mediação do Ministério Público do Trabalho, realizada em 20 de agosto. No Amazônia Saúde, o acordo sobre a nova tabela de reembolso e o novo valor de referência continua sem implantação. Em toda linha, o método é o mesmo: dizer não, ganhar tempo, individualizar a decisão e apostar no cansaço.

O QUE A MOBILIZAÇÃO ARRANCOU, A DESMOBILIZAÇÃO DEVOLVE.

Uma semana bastou para a prova dos nove. Passada a paralisação, sem novo calendário de luta, o congelamento do piso de ingresso voltou à mesa em 25 de agosto — agora acompanhado do congelamento da PLR. O que a categoria fez os bancos recuar paralisando, os bancos recolocaram assim que a categoria se desmobilizou.

É por isso que a paralisação de 24 horas não pode ser tratada como ponto de chegada. Ela é o início de um processo crescente de organização, ou não terá servido para nada. A mesa não pode ser o lugar onde os trabalhadores aguardam para descobrir quanto os bancos estão dispostos a conceder; ela tem que ser o lugar onde se converte em cláusula aquilo que a organização da base for capaz de arrancar.

E o relógio joga contra quem espera. Chegar à data-base sem acordo e sem greve organizada é chegar desarmado. Depois do dia 1º de setembro, quem não construiu força só terá a alternativa de assinar o que colocarem na sua frente.

A CATEGORIA DO BASA JÁ DISSE NÃO SOZINHA, SEM ASSEMBLEIA CONVOCADA PARA ISSO E SEM COMANDO DE MOBILIZAÇÃO ATUANDO. ORGANIZADA, ESSA MESMA BASE PARA O BANCO.

Não fazemos esse chamado de fora. Fazemos como entidade que representa empregados do Banco da Amazônia e que estará na luta. Propomos as direções sindicais, o seguinte:

- Convocação imediata de novas assembleias em todas as bases, inclusive Belém, Marabá e Santarém, sem substituição da assembleia por consulta eletrônica de gabinete.
- Colocação do ESTADO DE GREVE em votação nessas assembleias, com preparação concreta para greve nacional por tempo indeterminado caso a Fenaban não apresente proposta digna até a data-base.
- Calendário público e concreto de continuidade da mobilização, com atos, paralisações escalonadas e organização por local de trabalho — e não mais um compasso de espera até a próxima rodada.
- Submissão de qualquer proposta à deliberação soberana das assembleias, com informação completa e prazo real de discussão.

É HORA DE DECIDIR

Em várias bases do país — Bahia, Distrito Federal, Rio de Janeiro, Ribeirão Preto, São Paulo — trabalhadores já se organizam em manifestos e abaixo-assinados exigindo assembleias, estado de greve e preparação da greve nacional, com centenas de assinaturas. A disposição existe e está documentada. O que falta não é vontade da base: é decisão das direções.

Greve não se decreta de cima para baixo, nem se improvisa na véspera. Greve se constrói com convencimento, organização e mobilização, agência por agência, departamento por departamento. Por isso mesmo, cada dia perdido agora é força a menos depois. Depois de tantos anos sem greve nacional unificada, temos a chance de reconstruir essa capacidade coletiva — e essa chance tem prazo de validade: 1º de setembro.

A AEBA conclama todo empregado do Banco da Amazônia a conversar com os colegas, comparecer às assembleias, cobrar das entidades um calendário de luta e votar pelo estado de greve. E conclama a Contraf-CUT e o Sindicato dos Bancários do Pará a assumirem publicamente esse compromisso.